

STANDING, Guy. *O precariado: a nova classe perigosa*. Traduzido por Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

O PRECARIADO

Jéferson Silveira Dantas¹

Guy Standing (1948-), autor da obra que aqui resenhamos, é economista britânico e professor de *Estudos de Desenvolvimento* na escola de *Estudos Orientais e Africanos* na Universidade de Londres e um dos fundadores da Organização Não Governamental *Basic Income Earth Network*. Na década de 1970 formou-se em Economia pela Universidade de Sussex, doutorando-se na mesma área na Universidade de Cambridge; também trabalhou como diretor do Programa de Segurança Socioeconômica da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Nos últimos anos tem se dedicado às pesquisas sobre economia e flexibilização do mercado de trabalho, desemprego, proteção/seguridade social e políticas de ajustamento estrutural. Uma de suas últimas investigações é, justamente, sobre o fenômeno social emergente que denominou *precariado* – conceito com o qual nomeou a obra publicada na Inglaterra em 2011 e traduzida no Brasil em 2014.

Para efeitos de exposição didática, Standing analisa como categoria central na obra aqui referenciada a expressão ‘precariado’, tendo como desdobramentos adjacentes de investigação os seguintes aspectos: 1) as diferenças terminológicas ou conceituais entre ‘habitantes’ e ‘cidadãos’ no âmbito do precariado global; 2) as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), o multitarefismo e a sociedade terciária; 3) o crescimento da imigração em diversas partes do mundo, especialmente nos países centrais do capital; 4) desigualdade de gênero e precariedade de gênero; 5) juventude e nomadismo urbano; 6) mercantilização da educação; 8) envelhecimento e trabalho; 9) os novos arranjos familiares e 10) recrudescimento do ideário fascista em diversas partes do mundo.

A pesquisa realizada pelo economista britânico é salutar tanto pelo esforço de análise e levantamento de dados empíricos quanto pela identificação da emergência de uma classe social intermediária, em nível mundial, que ele denominou *precariado*. Seguindo a sua linha de raciocínio, a origem do termo é bastante controversa, já que segundo o autor o precariado carece de uma identidade ocupacional. Assim,

Uma maneira de descrever o precariado é como ‘habitantes’. O ‘habitante’ é alguém que, por uma razão ou outra, tem um conjunto de direitos mais limitado que o dos cidadãos. A ideia de ‘habitante’, que pode ser rastreado até os tempos romanos, tem sido, geralmente, aplicada a estrangeiros que recebem direitos de residência e direitos para exercerem seu comércio, mas não direitos plenos de cidadania (STANDING, 2014, p. 33).

Contudo, esta explicação, conforme a análise do autor, ainda é muito simplificada. Por essa razão, Standing sugere que as intersecções semânticas entre o proletariado e o precariado representam de

forma mais fidedigna as novas facetas do mundo do trabalho. Ao contrário do proletariado – assinalado por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista em 1848 como a classe revolucionária –, o precariado estaria mais afeito aos valores sociais/morais associados à burguesia. Logo, a gênese do termo (precariado) remonta aos estudos sociológicos da década de 1980, tendo como descrição sinônima ‘trabalhadores temporários’ ou ‘sazonais’. Standing destaca ainda que contratos de empregos temporários não podem ser compreendidos como trabalho temporário. Isso pode ser observado na citação que segue, uma vez que uma das características do precariado

[...] não é o nível de salários em dinheiro ou de rendas auferidas em qualquer momento específico, mas a falta de apoio da comunidade em momentos de necessidade, a falta de benefícios assegurados da empresa ou do Estado e a falta de benefícios privados para complementar ganhos em dinheiro (STANDING, 2014, p. 30).

O precariado, nesta direção, por meio da argumentação do autor, não se localizaria no mesmo status dos proletários clássicos e muito menos em relação aos assalariados da classe média. O precariado está inserido em ofícios degradantes, como são os casos dos *call centers*, em estágios mal remunerados das médias e grandes empresas, definidos pelo ‘curto prazismo’, sem qualquer chance de construção de uma carreira profissional. Tais situações mortificadoras de subempregabilidade têm levado ao aumento alarmante de suicídios e doenças psicossociais em diversas partes do mundo. No Japão, por exemplo, a expressão *karoshi* representa bem esta condição, compreendida como morte por excesso de trabalho.

Standing problematiza também o uso das novas tecnologias de informação e comunicação nos hábitos do precariado, entendendo-as como novas formas de reprogramação do cérebro. A vida digital ou virtual estaria destruindo o processo de consolidação da memória de longo prazo, “que é a base do que gerações de seres humanos vieram a considerar como inteligência, a capacidade de raciocinar mediante processos complexos e de criar novas ideias e modos de imaginação” (STANDING, 2014, p. 39). Em outras palavras, as redes sociais estariam fortalecendo vínculos frágeis de sociabilidade e enfraquecendo vínculos fortes, como são as redes familiares e o trabalho coletivo, reprimidos num presentismo interminável e desistoricizado.

O economista britânico aponta que os ‘multitarefairos’ são fortes candidatos ao precariado, pois teriam menos concentração e dificuldades em distinguir informações relevantes das irrelevantes, além de sofrerem muito mais com o estresse e a fadiga orgânica; a força de trabalho exaurida do precariado acaba levando-lhes aos desengajamentos políticos e sociais. Standing calcula que 25% da população mundial faz parte do precariado. Tal realidade estrutural promove toda sorte de competitividade desigual entre diferentes setores sociais, meritocracia e flexibilização produtiva. O precariado nestas condições tem de responder de qualquer maneira às demandas do mercado e ser amplamente adaptável.

Apesar de serem receptivos à indignação social e de estarem hiperconectados, os trabalhadores que fazem parte do precariado, *grasso modo*, possuem fraco senso de memória social. Para Standing, a ‘mente precarizada’ é alimentada e motivada pelo medo, já que a falta de ocupação laboral criaria um vácuo ético entre estes sujeitos. Em outras palavras, a angústia anômica na ‘era do precariado’ destrói todos os eventuais laços de confiança e solidariedade.

O autor problematiza que o modelo neoliberal nas últimas décadas promoveu como principal slogan a ideia de que o desemprego é meramente uma questão de responsabilidade individual, ou seja, os seres humanos passaram a ser ‘mais’ ou ‘menos’ empregáveis. Não por acaso a ideologia das ‘competências e habilidades’ ganhou corpo em processos de escolarização na Educação Básica, reformando os ‘hábitos’ e as ‘atitudes’ da classe trabalhadora. Esta é uma forma perversa de culpar e demonizar os desempregados como preguiçosos e parasitas sociais, já que haveria ‘oportunidades para todos’, segundo a crítica aventada pelo economista britânico.

Outro aspecto apresentado por Standing refere-se à ausência de perspectivas por parte da juventude, que se vê cada dia mais na qualidade de ‘nômade urbano’ e sem o respaldo da família como acontecia há décadas atrás; e por sua vez, esta cadeia vai se quebrando na perspectiva de solidariedade com os familiares no envelhecimento:

A solidariedade familiar aliviou a precariedade inicial. Mas hoje, a precariedade foi estendida, enquanto a solidariedade familiar é ‘mais fraca’; a família é mais frágil e a geração mais velha não pode antever uma reciprocidade intergeracional equilibrada (STANDING, 2014, p. 107).

O autor também dedica muitas páginas à discussão sobre a mercantilização da educação em todos os seus níveis de ensino, revelando que tal tendência global tem produzido um inflacionamento de diplomas supersimplificados para trabalhadores supersimplificados, naquilo que o mesmo denomina de *streaming schooling* (algo como ‘escolarização superficial/aligeirada’, numa tradução livre). Ou seja: não há como dissociar trabalho de educação, ainda mais se soubermos reconhecer que a escolarização apresenta forte teor dualista, especialmente nos países periféricos do capital como é o caso do Brasil.

Standing destaca como a imigração e os imigrantes têm se tornado um ‘problema social’ nos países centrais do capital, encarados como ‘exércitos do mal’ (nas palavras de Berlusconi), ‘ladrões’ dos empregos dos nativos. Contudo, a farta força de trabalho dos imigrantes (sub-registrados e sem assistência médica) é indispensável para os lucros do capital produtivo, já que os mesmos representam um ‘mal necessário’. Nota o autor que em 2010 havia, possivelmente, mais de um milhão de pessoas vivendo de forma ilegal e precária no Reino Unido.

Diante do exposto, ao tratar o precariado como uma nova classe social em formação, entendo que Guy Standing deixa-nos muitas indagações, principalmente no que se refere ao seu tímido radicalismo em relação à violência da lógica do capital no mundo do trabalho contemporâneo. Apesar da profícua análise sobre a emergência do precariado, este autor deposita uma esperança superestimada na possibilidade revolucionária do precariado. Dirige ainda o seu olhar apenas para o precariado existente na Europa ocidental e EUA, enquanto o precariado dos países periféricos do capital fica subalternizado em suas explanações.

Se entendemos que a precariedade do trabalho na sociedade capitalista nos termos marxianos é consequência direta da divisão/degradação social do trabalho, parece-nos precoce acreditar na potencialidade revolucionária de uma nova classe social; contraditoriamente, Standing faz uma série de advertências sobre o caráter ‘perigoso’ do precariado, tendo em vista que é uma *classe* menos afeita aos

engajamentos políticos, com pouquíssima adesão sindical e até mesmo avessa aos regimes democráticos (vide as últimas manifestações de cunho fascista em nosso país). Logo, esta ‘nova’ classe – e Standing tem concordância com isso – é virtualmente refém de concepções totalitárias.

Fica-nos, assim, como horizonte de debate, a contribuição deste economista britânico na esfera de projetos sociais em luta que, muitas vezes, ainda que bem intencionados, são insuficientes para combater o apetite da lógica do capital e suas artimanhas para pauperizar e desedificar ainda mais a classe trabalhadora.

Notas:

¹ Historiador e doutor em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Auxiliar I com Dedicção Exclusiva no Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC. Membro e pesquisador do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT). Email: jeferson.dantas@ufsc.br

Recebido em: 20/01/2015
Publicado em: 31/12/2015